

ROSANVALLON, PIERRE. *POR UMA HISTÓRIA DO POLÍTICO*. TRAD. CHRISTIAN LYNCH. SÃO PAULO: ALAMEDA, 2010. 102P.

José Lúcio Nascimento Júnior (*in memoriam*)*

A história do político é um campo da historiografia que se desenvolveu na França a partir da segunda metade do século XX. Dentre os novos autores a propor este campo destaca-se Pierre Rosanvallon (1948–). Este pesquisador estava ligado ao Centro de Pesquisas Políticas Raymond Aron, sediado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), sendo destacado por Christian Lynch como um dos principais historiadores e cientistas políticos da atualidade na França.

O livro *Por uma história do político* é composto por três artigos escritos; dois por Pierre Rosanvallon e outro escrito por Christian Lynch, professor de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O texto de Lynch (2010) tem por objetivo a apresentação da obra e da perspectiva analítica de Rosanvallon, situando-a no tempo, no espaço e em suas relações acadêmicas. Nessa resenha, ao realizar-se a análise das ideias de Rosanvallon, observa-se ser mais útil utilizar o texto de Lynch (2010) como uma ferramenta para analisar as proposições do autor francês.

Percebe-se, então, que essa obra está em um ponto de convergência entre o ofício do historiador e do cientista político, pois ambos se interessam pelo político, mas a partir de perspectivas diferentes, o que pode ser reforçado pelo fato de ter sido um cientista político junto à Anpocs (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisas em Ciências Sociais) que realizou a tradução da obra, demonstrando que o interesse pelo tema não está restrito ao fazer dos historiadores. O debate sobre a História *Política e do Político*, na França, possibilitou seu revigoramento, para a primeira, e seu surgimento no caso da segunda (Rémond, 1998; Rosanvallon, 2010).

* Mestre e doutorando em História (PPGH-UERJ). Especialista em História Contemporânea (UFF). Graduado em História (UNISUAM) e Pedagogia (UNIFACVEST). Membro dos Grupos de Pesquisa: e-MAIS (UNISUAM), NUCLEAS (UERJ), NUPEP (UFRRJ) e NEDATTE (UFF). Professor de História e Sociologia no C.E. Graciliano Ramos e nas Faculdades de História e Arquitetura e Urbanismo da UNISUAM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1769-2520>

Como destaca Rémond (1998, p. 6), “nesse movimento fundamental de *renovação*, mais que uma simples recuperação, o contato com outras disciplinas, e principalmente com a ciência política, desempenhou papel central”, sendo este diálogo fundamental para que “a participação na vida política” voltasse a ocupar lugar de destaque no ofício do historiador.

Remond realizou seus estudos da história política durante um período em que ela era vista como um tema marginal, posição que os *Annales* defenderam, em especial na 2ª geração liderada por Baudel. Rosanvallon, por sua vez, a partir da década de 1980, encontrou outro cenário. Os estudos políticos estavam em crescimento na França, seja pela ação do grupo ligado a Remond, que estava girando em torno do Instituto do Tempo Presente, seja pelos estudos levados a cabo por François Furet e Claude Lefort no Centro de Pesquisas Raymond Aron. Constata-se, por sua vez, que a produção intelectual e historiográfica de Rosanvallon não era algo isolado na França, mas uma produção que dialogava com a produção interna e externa ao universo francófono.

No primeiro capítulo, Rosanvallon apresenta as bases de sua História Filosófica do Político. Nesse sentido, o capítulo pode ser visto como uma grande apresentação das propostas e problemáticas levantadas pelo autor. Rosanvallon (2010) inicia demonstrando como a História do Político esteve ligada às transformações pelas quais a sociedade francesa passava entre as décadas de 1960 e 1980, e como elas auxiliam a compreender as sugestões que o próprio politólogo francês faz para defender seu campo de estudos.

A História Filosófica do Político apresenta dois objetivos principais. O primeiro consiste em compreender como são projetados e como se desenvolvem os sistemas representativos que organizam a vida em sociedade; e o segundo consiste na análise da atividade intelectual, visando a observar as constelações políticas as quais esses intelectuais se vinculam. Nesse sentido, cabe ressaltar que a história é filosófica, porque também trata dos conceitos políticos (Rosanvallon, 2010).

Para um historiador da Historiografia, a proposta de observar as constelações intelectuais, ou seja, as redes de sociabilidade e de influência teórico-metodológicas torna-se substancial, pois permite observar que a produção de um historiador e a de um intelectual não estão soltas no tempo e no espaço. Além disso, por partir do diálogo com outros campos do saber, tais como a

ciência política, a teoria política e a sociologia compreensiva, como será colocado à frente, possibilita romper com as formações de genealogias da produção intelectual que não dialogam com a realidade de seu tempo e espaço.

A proposta de Rosanvallon se aproxima da defendida por autores britânicos como Quentin Skinner por tratar do político. Contudo a proposta do politólogo francês se afasta da apresentada pelo historiador inglês na ênfase dada pelo segundo à linguística. O estudo das palavras e do desenvolvimento das linguagens políticas deve relacionar os textos produzidos com seu contexto de produção, além de relacioná-los com outros tipos de produção do período, tais como “panfletos, iconografias e músicas” (Rosanvallon, 2010, p. 47).

Mais que as linguagens políticas, a História Filosófica do Político visa a analisar os conceitos políticos, suas apropriações e suas aplicações. Essa forma de fazer história também se diferencia da proposta da História das Ideias Políticas. Para Rosanvallon (2010), a História das Ideias Políticas era uma forma de genealogia das ideias políticas realizadas sem que essas fossem relacionadas ao seu contexto de produção, constituindo-se como um grande inventário.

Na proposta de Pierre Rosanvallon (2010), a Filosofia Política e a História Política unem-se para que o político possa ser analisado em uma perspectiva interdisciplinar. É nesse ponto que o conceito de culturas políticas se torna uma ferramenta indispensável para o pesquisador, pois permite que tanto as ideias políticas quanto o seu contexto de produção sejam analisados, unindo a realidade política à social, cultural e econômica.

Mesmo que o texto não remeta à proposta de Michel de Certeau em *Operação historiográfica*¹, a proposta de Rosanvallon consiste em observar a produção, o local onde (o lugar de fala do pensador político) e como essa produção foi realizada. Para tanto, como se verá nas linhas subsequentes, Rosanvallon propõe que sejam utilizados como fontes de pesquisas outros suportes materiais para além dos livros que contêm as teorias, filosofias ou análises políticas.

Para os primeiros membros do Centro de Pesquisas Políticas Raymond Aron a obra de Raymond Aron foi fundamental na década de 1950 para que o político fosse repensado. O referencial proposto por Alexis de Tocqueville oferecia uma saída às análises marxistas que predominavam na intelectualidade

¹ Este texto compõe a obra *A escrita da História*, publicada originalmente em 1975 (Certeau, 2011).

francesa pós-segunda guerra mundial. A partir desse referencial, era possível pensar a (i) democracia como algo moderno; (ii) que este regime surgiu a partir da destruição da aristocracia; e (iii) que a democracia possui dois grandes caminhos, o liberalismo e a autocracia.

Na obra do próprio Raymond Aron, François Furet e Claude Lefort é possível observar a influência do pensamento toquevilleano nas críticas que faziam as análises historiográficas de seus períodos. Nesse sentido, o grupo ao qual Pierre Rosanvallon se associou apresenta uma perspectiva analítica que rompe e que combate outras produções teóricas de seu tempo. Como exemplo, Lynch (2010) destaca a revisão proposta por Furet no *Dicionário Crítico da Revolução Francesa* sobre o debate acerca da historiografia da Revolução Francesa, tema caro à produção intelectual daquele país.

Outro ponto a se destacar é que, além de Rosanvallon, outros historiadores estavam pensando novos objetos a partir do olhar proposto por Furet e o grupo no Instituto Raymond Aron. Destaca-se, então, como exemplo, François-Xavier Guerra, que propôs uma revisão da análise acerca do processo de Independência da América hispânica a partir da análise da cultura política, dos novos conceitos políticos que surgiam e das sociabilidades instauradas após 1808. Guerra, assim como Rosanvallon, propõe olhar para novas fontes a fim de desenvolver suas análises sobre a História Política e do Político.

Rosanvallon (2010, p. 54) buscou na sociologia compreensiva de Max Weber as bases para defender sua tese de que a História Filosófica do Político consiste em uma forma de se compreender o presente, pois, para ele, “na sua forma compreensiva, nos permite, por outro lado, superar a barreira entre a história política e filosofia política”. O que se percebe, então, é que, em sua proposta, Rosanvallon dialoga com outros campos da História, tais como as questões de memória (Pierre Nora) e de sociologia (Max Weber).

O diálogo com Max Weber, por sua vez, travado no campo da Sociologia Compreensiva não é acompanhado na posição sobre a participação do intelectual na vida pública. Rosanvallon vê a ação acadêmica como uma ação política, uma vez que a ação do historiador deve estar relacionada com sua vida cívica. O saber intelectual demanda um posicionamento cívico e político por parte do historiador. A ação e o conhecimento se conectam no ofício do historiador e do cientista político. Nesse entrelaçamento, o ensaio e o trabalho erudito são

formas diferentes de escrita que podem ser aproximadas, posição que o próprio Rosanvallon (2010) busca realizar.

O segundo capítulo, intitulado *Por uma História Conceitual do Político*, foi sua conferência proferida quando de sua entrada no colégio de France no dia 28 de março de 2002. O fato de ter sido escrito para ser pronunciado em uma aula inaugural faz com que esse texto seja mais fluido que o primeiro, o que não significa que seja menos denso.

Inicia lembrando como a Cátedra possibilita maior liberdade de estudos, em especial a de História Moderna e Contemporânea do Político. Para tanto, cita Roland Barthes, para quem a cátedra é mais uma alegria que uma honra, que a segunda pode ser desmerecida e a primeira não. Ele relembra dois mestres importantes em sua carreira que o influenciaram em seu trabalho, François Furet e Claude Lefort, que o receberam na década de 1980 na EHESS. A História do Político, tal como proposta por Rosanvallon, traz sua objetividade própria, o que não significa que ela não dialogue com a produção de outros intelectuais de diferentes épocas, tais como Michelet, Renan, Raymond Aron ou Michel Foucault.

Para Rosanvallon (2010) existem questões que apenas a análise do político pode desvendar. Olhar para o político possibilita olhar para o Estado sem se prender a ele. O político é um campo maior que a política, ou seja, enquanto a segunda se relaciona ao Estado, o primeiro se constrói nas inter-relações que podem passar ou não pelo Estado. Como exemplo, Rosanvallon (2010) cita a democracia, em que o que se viveu traz diferenças com o discurso que o sustenta.

Antes de mais nada, proposta com semelhante espírito, a história do político distingue-se, então, pelo próprio objeto da história *da* política propriamente dita. [...] A história do político incorpora diferentes contribuições. Com tudo o que ela acarreta de batalhas subalternas, de rivalidades de pessoas, de confusões intelectuais, de cálculos de curto prazo, a atividade política *stritu sensu* é, de fato, o que ao mesmo tempo limita e permite, na prática, a realização do político (Rosanvallon, 2010, p. 78).

Estudar a História Conceitual do Político apenas pode ser feito em uma perspectiva histórica, sendo as questões do Político historicizadas. Em termos

metodológicos, Rosanvallon (2010) propõe partir do presente para o passado a fim de se conhecer o processo. Nesse sentido, se distingue da teoria política por não querer aprisionar a realidade em um conceito único e atemporal, pois parte da realidade para propor conceitos que a expliquem.

A História do Político busca o inacabado, as tensões que ajudam a compreender as relações políticas. Essa tensão é buscada no

modo de leitura dos grandes textos teóricos, a recepção de obras literárias, a análise de obras de imprensa e dos movimentos de opinião, os panfletos, a construção dos discursos de circunstância, a presença de imagens, a pregnância dos ritos e mesmo o efêmero rastro das canções (Rosanvallon, 2010, p. 87).

Assim, o político se traduz na interseção das práticas e das representações. Nesse caminho as propostas de Rosanvallon (2010) são de fundamental relevância para quem se propõe a estudar a História da Historiografia. A produção do historiador não é solta no tempo e no espaço. Observar outros escritos, tanto do historiador quando produzidos no período, torna-se uma ferramenta substancial. Nesses materiais é possível observar referências a figuras de linguagem, a conceitos políticos ou a questões que são próprias de seu tempo.

Por fim, podemos observar coisas novas além das questões do político, e dentre elas podemos destacar os problemas ambientais e a relação entre o tempo curto de um mandato e as urgências de questões de gestão. Essas duas temáticas mostram bem como o campo do político não consiste em um tipo de área fechada em cânones, mas que as temáticas se constituem na medida em que as transformações sociais acontecem.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2011.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. *In*: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Florense-Universitária, p. 45–112.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad y independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. 3. ed. Cidade do México: FCE, 2014.

LYNCH, Christian. A democracia como problema político: Pierre Rosanvalon e a Escola Francesa do Político. *In*: ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Tradução: Christian Lynch. São Paulo: Alameda, 2010. p. 9–36.

RÉMOND, René. Uma história presente. *In*: RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 13–36.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Tradução: Christian Lynch. São Paulo: Alameda, 2010. 102p.